

Já todos vimos filmes e documentários sobre a vida dentro de uma prisão. Visões mais ou menos realistas que constroem o nosso imaginário sobre o tema. De uma forma geral, encaramos essa realidade como distante da nossa. Até certo ponto, é realmente assim: um universo isolado, um microcosmo da vida cá fora. Algumas coisas são intensificadas, sentidas com o "volume" no máximo, outras passam a ser ruído de fundo. No discurso directo de três prisioneiros, todos falam de um ajuste a um novo contexto, do combate à passagem mais lenta do tempo, encontrando novas formas de ocupar a mente. Por muito "clichê" e filosofia "new age" que possa soar aqui fora, lá dentro vive-se um dia de cada vez: com melancolia, realismo ou até uma certa ironia e sentido de humor. Exactamente da mesma forma e com a mesma diversidade com que sentimos a vida cá fora.

A SONHADORA

Betty tem 34 anos e é a criadora da "t-shirt" "Down&Dirty".

Foi a condutora do veículo usado em dois assaltos à mão armada. Entregou-se à polícia e declarou-se culpada. Segundo a "Law of Parties" do Texas foi condenada a duas sentenças de 25 anos, como se tivesse sido ela a empunhar a arma. A sua "parceira" no crime contratou um advogado, contestou a sentença e encontra-se neste momento em liberdade.

Betty tem dois filhos e acredita em segundas oportunidades.

Explica-nos como é a tua vida em Gatesville. A vida aqui é bastante monótona, todos os dias são iguais. Vês o tempo a passar sem ti, uma vez que as pessoas que fazem parte da tua vida lá fora se vão afastando aos poucos.

A parte mais difícil é estar afastada dos meus dois filhos, que sempre foram o meu mundo. Não poder acompanhar o crescimento deles e ter medo que lhes aconteça alguma coisa má, chega a ser insuportável.

De que forma é que este projecto te ajudou? Fiquei tão surpreendida quando me disseram que um dos meus desenhos ia ser usado pela Haefling. O desenho que eles escolheram foi uma prenda para um amigo meu. 6 meses depois, ele mandou-me uma carta a falar sobre o projecto e a dizer-me que alguém queria usar o meu trabalho. Quando ele disse que eu ia ser paga, não queria acreditar. Pensei que fosse uma piada quando nessa mesma carta ele dizia que ia depositar dinheiro no meu fundo de poupança. Fiquei em choque. No Texas, os prisioneiros têm que trabalhar mas não são pagos pelo estado. Se quisermos mais do

que os produtos básicos, temos que ter alguém no exterior que nos ajude. Eu nunca tive apoio financeiro fixo, o que torna as coisas complicadas. Aquele desenho ajudou-me a comprar produtos de higiene e comida para dois meses. Foi fantástico. Mas o mais importante é saber que podemos fazer qualquer coisa e sentir orgulho. Já há muito tempo que não sentia orgulho em mim e nas minhas acções.

Qual foi a tua inspiração para esta "t-shirt"? As máscaras "Feliz" e "Triste" são muito usadas nas prisões, como símbolo de ter de pagar pelos erros que fizemos lá fora. Sempre gostei de rosas, mas, para fazer sentido no que queria transmitir quando fiz o desenho, tive que representar a rosa a "furar" o meu coração, porque a prisão é um local de corações partidos.

"Down&Dirty". É assim que vês a vida na prisão?

Bem, tudo aqui dentro é realmente "down and dirty" porque é tudo muito básico. Tens de te "desenrascar" com o que está disponível. Podemos ser muito criativos e fazer com que uma coisa funcione como outra. Por exemplo, podes fazer grandes banquetes misturando sopas instantâneas com pedaços de carne do refeitório. Aprendemos a fazer coisas boas com quase nada.

Já desenhavas antes? Ou tentaste pela primeira vez agora, para a Haefling?

Comecei a desenhar depois de estar na prisão. Muitas pessoas fazem isso, porque cá dentro temos muito tempo para preencher. Se não encontrares qualquer coisa para fazer que te mantenha ocupada, dás em doida. Como já disse, não sabia que tinha sido escolhida pela Haefling, nunca pensei que desenhasse bem. Se me tivessem pedido

directamente para fazer alguma coisa, provavelmente não o teria feito. Sinto muito mais confiança na minha arte agora, e isso é muito "porreiro".

Vai ser libertada em 2026. Nessa altura terás 52 anos. Como é que imaginas a tua vida depois de saíres da prisão?

Sabes, tento não pensar tão à frente porque me assusta. Nessa altura, os meus filhos já serão adultos e terão as suas próprias vidas, e os meus avós provavelmente já terão morrido. O que me ajuda a ultrapassar esta fase é encarar um dia de cada vez e ter esperança de que qualquer coisa mude e me dê outra oportunidade de ser livre.

Acreditas em segundas oportunidades?

Sempre acreditei que as pessoas podem aprender com os erros que fazem, se lhes derem essa oportunidade. Eu fiz grandes erros na minha vida e espero que me deem uma segunda oportunidade. Quer dizer, se ficar aqui até ao fim da minha sentença, terei pago a minha dívida para com a sociedade, mas que tipo de oportunidade é que me foi dada?

Tens dois filhos. Qual é a opinião deles sobre este projecto?

Os meus filhos ficaram bastante entusiasmados quando souberam que um desenho que eu fiz ia aparecer em "t-shirts". Quando lhes mandei a fotografia da "t-shirt" começaram logo a perguntar "onde é que eu posso comprar?". Querem levá-las para a escola para que os outros miúdos possam ver o que a mãe deles fez. Teve piada porque a minha filha pensou que eu era famosa! Mas acho que, de certa forma, eu sinto-me famosa, mesmo que seja só para os meus filhos. É uma motivação para continuar a centrar-me no meu trabalho artístico.



O REALISTA

Jerry tem 46 anos e encontra-se a cumprir três penas de 35 anos na prisão de Connally, no Texas. Foi condenado por três acusações de assalto à mão armada.

A liberdade condicional está agendada para 2024. Até lá, Jerry conta com o dinheiro das vendas das "t-shirts" para contratar um advogado que o consiga ajudar a contestar a sentença mais cedo.

As primeiras "t-shirts" Wasting Time são para o sobrinho, uma das razões que tornam a passagem do tempo suportável.

Como é a tua vida em Connally?

A minha vida em Connally é desesperante e patética. Todos os dias começam de forma negativa, e só à medida que o dia avança consigo entrar num estado de espírito em que consigo relaxar. Temos de nos esforçar para obter condições e circunstâncias em que estejamos satisfeitos.

"Wasting Time". É assim que vês a tua vida neste momento?

Não há um único minuto em que não sinta que estou a desperdiçar todo o meu tempo dentro deste sítio. Tenho consciência de todos os passos do meu envelhecimento; lá fora só nos apercebemos disso quando alguém nos diz. Aqui dentro, consigo verme a envelhecer.

Achas que estes projectos são úteis? Achas que ajudam realmente quem está detido?

Pessoalmente, não só acho que este projecto é útil como também absorve grande parte da minha concentração. Entrego-me a isto para me isolar do barulho que existe no interior da prisão.

Não posso falar pelos outros. Este projecto é uma influência positiva para mim, e acredito piamente que outras pessoas sintam o mesmo.

Tens alguém lá fora que te ajude? Família, amigos?

As únicas pessoas que me dão qualquer tipo de apoio são a minha mãe e o meu sobrinho. Dão-me um forte apoio moral. Dão-me um sentido de vida, um objectivo, são muito dedicados e fazem-me sentir respeitado. Tenho muita sorte em tê-los comigo.

O que é que gostarias que as pessoas lá fora soubessem sobre a vida na prisão?

Gostaria de dizer às pessoas aí fora para terem cuidado com o que fazem. O objectivo do sistema prisional não é tirar alguém das ruas só porque é a atitude correcta, também há dinheiro envolvido. As prisões são um negócio. Quando entras dentro do sistema, transformas-te num bem que pertence ao estado ou sistema federal onde te encontras. Nem todos os que estão detidos



são aquilo que o governo "pinta". Se investigares a fundo o processo judicial de alguns dos prisioneiros, verás que o sistema os fez parecer pior do que são na realidade.

O FILÓSOFO

Martin tem 24 anos e encontra-se no corredor da morte da prisão de Polunsky, no Texas. Foi condenado à pena máxima em 2002.

Passa 23 horas por dia na cela e nunca lhe é permitido sair sem algemas e grilhetas. Não tem qualquer apoio exterior da família; o seu trabalho artístico é a sua única fonte de rendimento. Está neste momento à espera do resultado da contestação da sentença. Mesmo que seja positivo, continua a estar condenado a uma pena de prisão perpétua. Músico e poeta, Martin acredita nos contos de fadas que a Arte permite contar. É o autor da "t-shirt" Fairytals.

Diz-nos como é a tua vida em Polunsky.

O meu dia-a-dia em Polunsky é, ao mesmo tempo, imprevisível e previsível. Nunca sei o que vai acontecer, excepto que algo vai de facto acontecer. Não é que seja caótico, mas os acontecimentos ocorrem de forma cíclica. São as execuções das penas de morte que fazem com que nos apercebamos da nossa realidade.

É a minha casa, portanto encaro-a com alguma ironia e distância. Vou usar uma analogia: é como ter um buraco no tecto que nunca se consegue arranjar porque a tempestade nunca pára. Habitamo-nos à chuva, às goteiras, aos salpicos e, quando os baldes ficam cheios, despejamo-los sem pensar, instintivamente (risos). É uma má analogia mas espero que me tenha feito entender.

Neste momento passas 23 horas por dia na tua cela. Como é que ocupas o tempo? Este projecto ajudou-te nesse dia-a-dia?

Consumo estímulos de várias formas. Nesse sentido, sou insaciável. Estudo os grandes mestres da Arte, contemporâneos e "underground". Estudo música e ouço rádio. Escrevo letras de músicas, poemas e filosofia existencial mas sem pretensões. No fundo, tento aprender coisas novas e aplicá-las de forma a expandir a minha imaginação e talvez criar uma nova percepção de um



conceito antigo.

Este projecto ajudou-me a criar novas imagens, a criar coisas que nunca foram vistas antes. Estou grato por ter sido incluído, por me ter sido dada a oportunidade de trocar a infâmia pelo reconhecimento de algo mais positivo.

Mesmo que saias do corredor da morte, continuas a ter pela frente/enfrentar uma pena de prisão perpétua. Como é que se encara isso aos 24 anos?

Eu vejo a minha situação com um olhar parcial. Como fui confrontado com a presença da morte durante tanto tempo, passar o resto da vida na prisão parece uma bênção escondida. Vou ter mais tempo para criar mas também mais "TEMPO", entendes? Pode ser um destino pior do que a morte...depende dos dias, suponho.

A tua "t-shirt" chama-se Fairytals. Achas que é possível acreditar em contos de fadas quando se está na prisão?

É possível e é necessário. Podemos acreditar na nossa hipotética liberdade ou num ajuste de contas. Podemos acreditar que o aço, o cimento e o arame farpado nunca nos irão vergar. Só se torna negativo quando se deixa de acreditar que estes pensamentos são apenas contos de fadas. Às vezes, um castelo na areia é melhor do que não ter castelo nenhum, mas não se trata de alimentar ilusões ou contos de fadas: o importante é a necessidade de os ter, de acreditar. Eu chamo-lhes ilusões apuradas, vês o que queres ver.

Para além de desenhar, também escreves. A arte sempre esteve presente na tua vida?

Sim, quando era miúdo escrevia contos e ganhei um concurso. A minha família é muito artística mas eu tinha desenhado antes. Eu era o músico/poeta, e o meu irmão gêmeo era o artista plástico - frequentou a escola de belas-artes e tudo. Às vezes, sinto que o estou a encarnar através da minha caneta e dos pincéis (sorrisos). Aí está o meu conto de fadas. A expressão artística sempre teve um lugar de destaque para mim, fosse a compor canções ou a construir umas esculturas horríveis quando era adolescente (risos). ●